MORRER DE PÉ SOBRE O ABISMO

As horas dispersas vão caindo
na doce véspera da minha carne,
chegadas a um tempo estéril
de reagrupar acontecimentos e olhares.

Morrer de pé sobre o abismo
vou com este sangue articulado...
De ossos sem cal e com penumbra,
estou a morrer na alvorada!

Fico virado para cima
apreciando as estrelas e lembranças,
tempo de duendes amarelos
na vala enrugada da testa.

E ao despertar da vida passada,
outro sonho me persegue com o seu toque.

As horas são páginas e turpiais
que morrem ao descobrir na carne
outra vinca de desilusão?

Morrem no seu labirinto
azul sem tempo,
e na minha silhueta desbotada
sobre as ondas e as agulhas,
navegam em sentido inverso.
Como eu, agora mesmo,
que estou a morrer,
que estou a morrer!

Ramón Uzcátegui Méndez, sc
(FOTO: Juan Davila)